

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO- ESAT**  
**BACHARELADO EM TEATRO**

JULIANE DAMASCENA BATISTA

**A FIGURA DA MULHER NO TEATRO:** Uma análise do teatro como empoderamento  
para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social no espetáculo *Marias*

Manaus - AM

2024

JULIANE DAMASCENA BATISTA

**A FIGURA DA MULHER NO TEATRO:** Uma análise do teatro como empoderamento para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social no espetáculo Marias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

Manaus - AM

2024



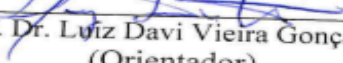
**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

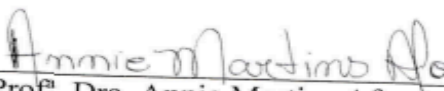
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

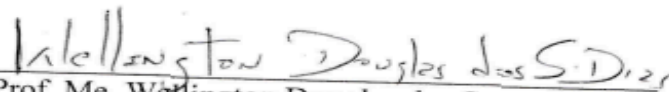


## **ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos três dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas e trinta minutos, na Sala 222 (2º andar), reuniu-se a Banca de DEFESA do Artigo de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teatro, do(a) acadêmico(a) **JULIANE DAMASCENA BATISTA**, sob o título *A FIGURA DA MULHER NO TEATRO: Uma análise do teatro como empoderamento para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social no espetáculo Marias*. A comissão foi constituída, pelos professores (as) Luiz Davi Vieira Gonçalves (Orientadora/UEA), Annie Martins Afonso(UEA) e Wellington Douglas dos Santos Dias (UEA). Após arguir o(a) candidato(a), A banca deliberou a APROVAÇÃO do trabalho mediante as observações em anexo.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Annie Martins Afonso  
(Membro Titular)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Wellington Douglas dos Santos Dias  
(Membro Titular)

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO**  
**BACHARELADO EM TEATRO**  
**TERMO DE APROVAÇÃO**

**JULIANE DAMASCENA BATISTA**

**A FIGURA DA MULHER NO TEATRO: uma análise do teatro como empoderamento para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social no espetáculo Marias**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em teatro na Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves - Orientador**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Annie Martins Afonso - Membro da Banca**

---

**Prof. Me. Wellington Douglas dos Santos Dias -Membro da Banca**

---

**Manaus, 03 de Dezembro de 2024.**

A figura da mulher no teatro: Uma análise do teatro como empoderamento para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social no espetáculo Marias

Juliane Damascena Batista<sup>1</sup>

Orientador Luiz Davi Vieira<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Esta pesquisa é baseada nos estudos do projeto de conclusão de curso de graduação em Teatro, pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Sendo assim, este projeto tem como objetivo analisar a figura da mulher no teatro, como empoderamento para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social, no espetáculo Marias, Pretende-se analisar a mulher do teatro e a mulher em situação de vulnerabilidade social, analisando como o teatro pode ser empoderador para essas mulheres que são invisibilizadas diariamente, proporcionando um lugar de liberdade de expressão e reconhecimento. O artigo aborda questões sensíveis e histórias reais de mulheres que estão em contexto de rua, que sofrem opressões e violências constantemente, devido a falta de segurança, proteção e apoio familiar, por isso o papel do teatro, pois ele é um caminho para novas experiências, Com esse intuito pretende-se acolher essas mulheres e suas histórias, para que sejam ouvidas e manifestadas em cena.

**Palavras-chave:** Teatro; Empoderamento; Vulnerabilidade social; Feminismo; Gênero.

**Título: La figura de la mujer en el teatro: un análisis del teatro como empoderamiento para mujeres que viven en situación de vulnerabilidad social en el espectáculo Mariás.**

## **RESUMEN**

Esta investigación está basada en los estudios del proyecto de finalización de la carrera de Teatro, por la Universidad del Estado de Amazonas - UEA. Así, este proyecto tiene como

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Bacharelado em Teatro pela Universidade Estadual do Amazonas.

<sup>2</sup> Professor e orientador do curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas.

objetivo analizar la figura de la mujer en el teatro, como empoderamiento para las mujeres que viven en situación de vulnerabilidad social, en el espectáculo *Mariás*. Se pretende analizar a la mujer en el teatro y a la mujer en situación de vulnerabilidad social, observando cómo el teatro puede ser empoderador para estas mujeres que son invisibilizadas a diario, proporcionándoles un espacio de libertad de expresión y reconocimiento. El artículo aborda temas sensibles y relatos reales de mujeres en situación de calle, que sufren opresiones y violencias constantemente debido a la falta de seguridad, protección y apoyo familiar. Por eso, el papel del teatro, ya que es un camino hacia nuevas experiencias. Con este propósito, se pretende acoger a estas mujeres y sus historias, para que sean escuchadas y manifestadas en escena.

**Palabras clave:** Teatro; Empoderamiento; Vulnerabilidad social; Feminismo; Género.

## **Introdução**

Este artigo de pesquisa tem como objetivo analisar a figura da mulher no teatro, no espetáculo "*Mariás*" voltado para mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social em situação de rua, do centro de Manaus, surgindo das minhas inquietações com as histórias das mulheres da minha família, que durante anos foram vítimas de violências patriarcais<sup>3</sup>, sendo elas; psicológicas, verbais e físicas, viviam em situação de vulnerabilidade, sob a dependência de maridos abusivos para sobreviverem e não passarem fome com seus filhos/as, a partir dos relatos que presenciei convivendo com as matriarcas da minha família, cresci com o desejo de justiça por elas, que tiveram suas histórias silenciadas assim como tantas outras mulheres.

Na busca de conhecer as histórias "das mulheres" no modo geral, passamos a entender todo silenciamento e invisibilidade das mulheres, e como foi posto sobre elas uma submissão opressora, como historicamente transformaram muitas meninas e mulheres em objetos sexuais reprodutivos, comerciais e escravos, sendo assim desde os tempos primórdios a mulher foi vítima do homem, da estrutura social patriarcal, do machismo, vivendo para o favorecimento e benefício dos homens. Na qual mais a frente vamos analisar que todo

---

<sup>3</sup> Violência patriarcal é o ato da agressão do homem contra o corpo da mulher, podendo ser violências físicas ou psicológicas, partindo de uma ação como: tapa, murros e chutes ou ameaças que afetam a mente e a autoestima da mulher, fazendo assim a mulher se sentir inferior ao homem.

silenciamento causado nas mulheres durante milênios, passam a ter voz e espaço na sociedade atual, tendo suas histórias nos livros, sendo lidas, contadas por outras, e até mesmo interpretadas por outras como forma de resistência na luta pelos direitos de todas as mulheres.

Segundo a historiadora feminista Gerda Lerner (2019) “As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais”. ligadas assim diretamente em relação ao gênero do homem e mulher, enquanto a mulher era trocada por transações de casamento o homem era responsável pela troca, sendo esse o primeiro papel social atribuído a figura da mulher dentro da sociedade, o segundo papel atribuído a mulher é o de esposa, “substituta”, o homem rico que tinha bens materiais casava com a mulher para fins de reprodução e satisfação sexual, em troca ela recebia privilégios, terras e poder, totalmente depende do homem, a mulher que não conseguia atender as demandas do seu “marido”, era facilmente trocada, e logo perdia todos os seus bens que lhes foram atribuídos no casamento e principalmente seus *status*.

Lerner (2013, p.288) afirma “ A negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente”. A história masculina passou a ser considerada “verdade universal”, dando origem a sociedade patriarcal como uma estrutura social criada pelo homem para a subordinação e dominação em relação a mulher, “A princípio, o patriarcado apareceu como estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores”. (Lerner, Gerda, 2013, p.289), tal estrutura que violentou e oprimiu milhares de mulheres desde o período arcaico (entre os anos de 800 a.C. e 500 a.C.), e que atualmente na sociedade contemporânea continuavam sendo violentadas e oprimidas.

Diante do resumo afirmado até o presente momento neste artigo, as mulheres sofreram e lutaram contra toda essa estrutura que é o patriarcado, sem conhecimento de suas histórias passadas, e a com exclusão por parte das afirmações tradicionalistas patriarcais em relação à sociedade matriarcal<sup>4</sup>, fizeram com que a mulher fosse subordinada e enganada por séculos “Há milênios, as mulheres participam do processo da própria subordinação por serem psicologicamente moldadas de modo a internalizar a ideia da própria inferioridade”.(Lerner, Gerda, 2013, p.298), em consequência a isto, a mulher passou a ser silenciada e se silenciar também, pois não tinha dimensão da sua própria história, “A falta de consciência da própria

---

<sup>4</sup> Sociedade matriarcal caracteriza-se pela liderança de mulheres sobre sua comunidade, grupo e família, onde a mulher exerce a função de matriarca, tendo autoridade total das funções de determinada comunidade e do lar.

história de luta e conquista é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas”. (Lerner, Gerda, 2013, p.289).

Com o aumento dos movimentos feministas<sup>5</sup>, o empoderamento, leis que protegem e amparam mulheres vítimas de violências, vemos um avanço significativo no papel da mulher perante a sociedade, entretanto, será que essas informações, conhecimentos, amparo, empoderamento e proteção alcançou todas as mulheres?, ou será mesmo que todas as mulheres têm vez e voz dentro da sociedade, sem serem oprimidas e violentadas? Não, são anos de resistência e não parou por aí, crimes hediondos contra a mulher é cometido brutalmente, a sexualização e prostituição de meninas de rua inicia-se cedo por volta de 11/12 anos de idade, estupro e violências ao corpo da mulher em situação de vulnerabilidade social é constante, falo isto porque essa pesquisa reverberar e se baseia nessas mulheres em situações de vulnerabilidade, das que estão nas ruas lutando por sobrevivência.

Segundo os pesquisadores Gimenez Paula e Hahn Bernardo (2018, p.112) “Os seres humanos vivenciam na atualidade também realidades que, comparando com épocas que já foram, fazem as pessoas sentir saudade de experiências e vivências em que a humanidade das pessoas era mais transparente e se fortificava em relações interpessoais mais sadias”. Uma percepção não otimista, embora muita coisa tenha mudado, que pessoas tenham construído outras maneiras de pensar e agir, ainda é só o começo do processo da visibilidade da mulher na sociedade, assim afirma Gerda:

Duas décadas estudando a História das Mulheres refutaram essa falácia, revelando uma lista interminável de fontes e desvelando e interpretando a história oculta das mulheres. Esse processo de criação da história das mulheres ainda está em andamento e precisará continuar por muito tempo. Estamos apenas começando a entender suas implicações (Lerner, Gerda, 2013 p.302).

Gerda reforça diante dessa fala e no seu livro “A criação do Patriarcado”, que agora que mulheres estão começando a entender seus papéis na sociedade, e como a influência enraizada do patriarcado determinou por milênios quem deveríamos ser, assim temos alternativa de futuro quando temos conhecimento dessas raízes, “É apenas por meio da descoberta e do reconhecimento de suas raízes, seu passado, sua história, que as mulheres, assim como outros grupos, tornam-se capazes de projetar um futuro alternativo” (Lerner, Gerda, 2019, p.327), as mulheres estão exigindo lugar universal de reflexão, direito de decidirem e opinarem, exigem fortalecimento do empoderamento feminino, e liberdade de expressão de suas vozes e seus corpos.

---

<sup>5</sup> Movimentos feministas são movimentos sociais, na qual protagoniza a figura da mulher em igualdade ao gênero masculina, reivindicando direitos políticos de igualdade, jurídico e social entre homens e mulheres.

Como bem aborda o título deste artigo que propõe usar o teatro como empoderamento<sup>6</sup> para mulheres em situação de vulnerabilidade social, me aproximo agora para relatar e destacar a importância desse empoderamento através do teatro, e como a figura da mulher é vista na atualidade dentro da universidade de teatro e na sociedade Manauara (AM), sendo assim, a importância deste assunto se dar pelo nosso contexto histórico, como vimos anteriormente com a mulher no tempos primórdios, as histórias que foram silenciadas, o enraizamento do patriarcado, e o momento histórico da atualidade onde as mulheres podem manifestar suas ideias e opiniões e se empoderarem delas.

Em um momento sensível de aprendizado sobre: O meu papel como mulher na sociedade, procurei conhecer as formas de empoderamento, e como fazia teatro, pude perceber que poderia empoderar através dele, pois assim acontecia comigo todas as vezes que assistia mulheres no teatro, depois de ter conhecimento sobre nossas histórias e como muitas de nós foram invisibilizadas no passado, vir uma oportunidade de posicionamento político dentro da universidade, pois os papéis femininos já tinham sido durante muito tempo interpretados pelos homens, assim eu não poderia deixar de ocupar o espaço que me foi dado, era meu dever como mulher continuar essa luta, em resistência por todas aquelas que ainda não tinham seus espaços dentro da sociedade.

Então com o desejo de conhecer outras vivências passei a estagiar no Ateliê 23, no espetáculo "Cabaré Chinelo", na qual relata histórias das mulheres prostitutas no período da Belle Époque<sup>7</sup>, na Amazônia, período esse que foi um marco histórico no Amazonas e principalmente na sociedade Manauara, pois mulheres e meninas foram vítimas de escravidão sexual por parte de cafetões, senhores da elite, os dito "bons homens", políticos, e marinheiros que chegavam de viagens no porto de Manaus (Marreiro, 2019), sendo assim, dando continuidade, o estágio durou cerca de dois meses, durante este período de tempo analisei a interpretação das atrizes nos dias de apresentações do espetáculo, a partir dessa análise pude perceber que seus corpos eram altamente objetificados e até mesmo assediados em cena, por parte do público masculino que se faziam presentes na plateia.

---

<sup>6</sup> Empoderamento feminino é um conceito complexo, que surgiu entre meados do século XIX e XX, de cunho social, político e até filosófico, com o objetivo de proporcionar o fortalecimento das mulheres dentro da sociedade, na luta pelos seus direitos de igualdade de gênero entre mulheres e homens.

<sup>7</sup> Belle Époque na Amazônia, significou a euforia do triunfo da burguesia no final do século 19, quando parte da população das cidades incorporou as conquistas materiais e tecnológicas.

Baseada por essa vivência que foi o estágio, comecei a pensar na linha de pesquisa que gostaria de pesquisar, assim, comecei a analisar a fundo sobre “Teatro para mulheres<sup>8</sup>”, encontrei pouquíssimos grupos, no Amazonas não era diferente, pouco falado, todavia a figura da mulher estava representada nos palcos, o que já era de extrema importância, porém, era preciso falar mais, visto que era potente um teatro feito por mulheres e para mulheres, e principalmente para mulheres em situação de vulnerabilidade social, das ruas, mulheres essas que em pleno século XXI, estão sendo silenciadas e tratadas como lixo diante da sociedade, era por obrigação minha fazer com que o teatro das mulheres pudesse empoderar, e junto com elas como atrizes e mulheres do teatro, poder dar voz a suas histórias.

Segundo as pesquisadoras do teatro feminista da Universidade Estadual Do Rio Grande Do Sul (UERGS), Rodrigues e Da Silva (2021, p.2) “Fomos silenciadas e privadas dos nossos direitos de liberdade por séculos dentro da sociedade, este silenciamento que perpetuou em um estado de submissão que atingiu muitas dimensões da vida de mulheres”. Refletindo assim, na figura da mulher no teatro, pensando agora como poderíamos dar voz a nossos corpos junto com as histórias de vida de outras mulheres, o primeiro passo era encontrar o lugar de pesquisa, recortar em qual campo gostaria de me fazer presente, então descobri a praça da matriz, que se localiza na Avenida Floriano Peixoto, centro de Manaus.

Era o início de um movimento feminista junto do teatro, os dois, lado a lado para o empoderamento dessas mulheres e de nós mesmas que faziam parte desse novo processo, agora o objetivo era o diálogo de proximidade e afeto, na expectativa de conhecer suas histórias e ter a permissão para ter autonomia sobre seus relatos, não estávamos falando somente sobre o teatro, mas para além, era um trabalho de cunho social e político sobre vidas em vulnerabilidade, a pesquisadora feminista Brígida Miranda (2017) que também trabalha com mulheres e cartografias feministas afirma:

Movimentos organizados e manifestações de rua relacionados às causas feministas e de gênero ganharam mais visibilidade no Brasil na última década. Pela primeira vez tenho a sensação de que estou em meio a uma onda feminista. Essa onda ganha força à medida que discursos feministas se proliferam [...] (Miranda, 2017).

---

<sup>8</sup> Teatro para mulheres se caracteriza tendo a mulher como foco central do teatro, sendo feito por um elenco composto por mulheres, sendo diretoras, dramaturgas, atrizes mulheres, com objetivo de alcançar e falar diretamente com o público feminino.

De acordo com Miranda (2017), Ao focar em questões feministas<sup>9</sup> na prática teatral esses espaços tornam-se grupos de conscientização das mulheres e de criação de estratégias de luta por políticas de gênero, nos levando para fora das quatro paredes e dos palcos, pois é necessário que sejamos ouvidas por outras mulheres, que nossos direitos sejam manifestados e representados tanto na sociedade quanto nas universidades de artes, politicamente, e se nossa política não estiver sendo representadas na cena e nos palcos, façamos a gente o nosso próprio teatro, o teatro das mulheres.

Sendo assim, o espetáculo "Marias" faz-se necessário, pois coloca a mulher como foco principal da cena, procurando refletir a importância da análise desses corpos no teatro, nas ruas, no ambiente familiar, como forma de empoderamento e luta a liberdade total das mulheres, para que não sejamos somente objetificadas e violentadas, mas para que nos vejamos como mulheres ativistas dos nossos direitos, que não se calam mas denunciam através do teatro.

A violência contra as mulheres, em suas distintas especificidades culturais, é um acontecimento diário, silencioso e global. Diante dessa realidade, criar uma performance, um espetáculo, um cena performativa em denúncia à violência contra as mulheres é uma possibilidade de levantar a discussão sobre a naturalização desses crimes de ódio. É uma forma de repudiar o silêncio e a omissão das autoridades encarregadas de prevenir e erradicar os crimes contra a mulher, uma forma também de resistência e luta em favor de todas nós (Fischer, 2017).

Na atualidade muitas mulheres estão falando e pesquisando sobre questões feministas, teatro para mulheres, teatro feminista, tanto no teatro e nas ruas, quanto em teses, artigos, e livros, entre elas: PhD Luciana Lyra (2021;2022; 2023;2024), Dra Brígida de Miranda (2004; 2018; 2024;), Correnteza Braba (2024) Profa Marina Müller (2021), Dra Stela Fisher (2017), Glênia Maria (2021), Isabela Catão (2019;2020;2021), Rosa Malagueta (2008;2021), Patricia Carvalho Todas essas mulheres são da cena contemporânea onde seus principais “objetos” de pesquisa são cartografias, escritas, performances, teatro feministas etc. E assim faço das experiências delas minhas também, pois através dessas pesquisadoras estou entendendo cada vez mais a importância de ser feminista, de fazer teatro para mulheres, de colocar em pratica a importância de nossas histórias, e fazer disso uma arte política e emponderadora para mulheres que vivem em vulnerabilidade social.

---

<sup>9</sup> Feminista/Feminismo: Na política do dia a dia, o feminismo defende que o mundo e as relações sociais sejam avaliados pelo ponto de vista de gênero, raça e classe. A perspectiva feminista defende a conscientização do fato de que as mulheres ainda estão em uma situação desprivilegiada, e que essa situação deve ser transformada com urgência.

Sendo assim, esta proposta justifica-se pela necessidade de analisar a figura da mulher no teatro, contribuindo para a luta em favor das mulheres, pois faz-se necessário usar o teatro como empoderamento para mulheres em vulnerabilidade, tendo como foco principal Mulheres em situação de rua, na qual muitas mulheres são marginalizadas, sem dignidade de vida, sem estudos e afundadas no vício de drogas, sem auxílio do governo ou da própria família. “Discutir sobre mulheres em situação de rua torna-se complexo, pois, além do preconceito, estas são desprovidas de seus direitos básicos, como moradia, saúde, alimentação, educação, assistência entre outros que se fazem imprescindível para que possa viver de maneira digna” (Carvalho,2019).

No que tange à metodologia este artigo tem como abordagem uma pesquisa qualitativa com mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social, analisando através de uma pesquisa exploratória no campo na qual farei entrevistas com mulheres da avenida Floriano Peixoto, do centro de Manaus, através de perguntas, pretende-se conhecer suas histórias de vida, motivações e comportamentos diante de toda vulnerabilidade que estão expostas

Sobreviver em espaços públicos por não ter onde morar não é um problema social recente, historicamente desde o surgimento das sociedades pré-industriais da Europa que se originou o fenômeno da População em Situação de rua, e com o processo de mudança econômica as desigualdades sociais se tornaram mais comuns e acentuadas. As pessoas que não eram absorvidas pelo mercado de trabalho conseqüentemente ficavam sem ter onde morar e sem condições mínimas para sobreviverem e, portanto eram reprimidas pela sociedade e pelo poder público, que os estigmatizam como “mendigos”, “vagabundos” e “desordeiros”, culpando-os pela sua própria situação de exclusão (Carvalho, Patrícia, 2019, p. 03).

Indo ao encontro da citação, sobreviver em espaços públicos, sem proteção, atenção ou cuidado de uma sociedade ou poder público dificulta e oprime ainda mais essas moradoras de ruas. A partir de todos os dados que obtive até o presente momento, e dos relatos que presenciei dessas mulheres, trago minha pesquisa em teatro para mais perto, fazendo desta uma ferramenta de empoderamento, em luta pela conscientização, liberdade, vida digna e denunciando violências através da arte, com base nas entrevistas, e no método dedutivo de análise geral tenho a percepção de que o teatro para mulheres precisa ser agora, mais do que nunca político e empoderador.

As entrevistas serão feitas para coleta de informações e vivências de mulheres, para que seja desenvolvido na pesquisa experimental da sala de ensaio o espetáculo Filhas de Maria, compartilhando assim com outras atrizes do espetáculo todo material coletado, para que estas se inspirem e façam conhecimento de cada história dessas mulheres de ruas.

Na pesquisa pretende-se analisar também fatores que levaram essas mulheres a morarem na rua Floriano Peixoto (Igreja da Matriz), do centro de Manaus, isso inclui: conhecer a maneira como agem e vivem, descobrir quais opiniões e expectativas essas mulheres têm sobre o teatro e como elas irão reagir ao assistirem o espetáculo que lhes será apresentado, contendo nele fragmentos de suas histórias de vida, fazendo com que essas histórias sejam contadas, ouvidas e reescritas por atrizes do teatro junto com elas, como forma de resistência e luta por aquelas que foram silenciadas por uma sociedade colonizadora, machista e conservadora.

As mulheres artistas permitem, com sua prática de resistência e testemunhos pessoais ou de suas comunidades, autenticar suas histórias de exploração e reescrevê-las de outra maneira e representá-las para outras pessoas (Fischer,2017), sendo isso que me instiga, falar de uma arte política e ativista dos direitos das mulheres *“São artistas mulheres que articulam suas poéticas inspiradas nas questões postas pelo decolonial, incorporando uma presença social atuando também como ativistas em seus processos de criação artística”* (Fischer, Stela, p.80), onde as práticas decoloniais dos corpos em vulnerabilidade sejam vistas e ouvidas pelas ruas e nas universidades de Manaus

Trata-se de articulações do pensamento decolonial a partir das políticas do corpo e das artes como campo de experimentação identitária onde as diferenças são aceitas e estimuladas, e as relações de poder denunciadas. Assim, minhas impressões finais sobre as narrativas decoloniais aqui tratadas é que são resultado de processos de simbolizações e corporificações de memórias e testemunhos de situações de traumas e violência, de dominação e colonialidade, do resgate de constituição de identidades que formam, ao final, a construção de subjetividades políticas (Fischer, Stela, 2017, p.80).

Esta análise do “teatro para mulheres” voltado para mulheres em vulnerabilidade social pode ser complexo e desafiador, pois se trata, de tipo um de teatro onde a mulher é o foco central, onde as histórias delas são expostas, indo contra todo e qualquer tipo de violência, preconceito e discriminação imposta pelo machismo ao corpo da mulher (Müller, 2017), este artigo será desenvolvido ao longo do processo criativo experimental em sala de ensaio, a partir de entrevistas e vivências da pesquisa de campo feita com as moradoras e ex moradoras da rua Floriano Peixoto do centro de Manaus, as próximas etapas serão analisadas no espetáculo Filhas de Maria seguindo acompanhada dos orientadores.

## **Desenvolvimento da Metodologia de Montagem Cênica**

A metodologia aqui aplicada para o desenvolvimento do espetáculo, se deu através de uma pesquisa qualitativa, com método dedutivo dentro da pesquisa de campo, assim analisando e entrevistando grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade social da avenida Floriano Peixoto, coletando dados e histórias de vida dessas mulheres para serem vivenciadas pelo teatro na sala de ensaio, junto das atrizes do espetáculo Marias , a seguir às etapas que foram realizadas neste processo.

### **Processo Inicial de Montagem Cênica**

A montagem cênica é a construção de um processo, seja ele um espetáculo teatral ou cenas performativas, na qual tem por objetivo levar os estudantes bacharéis de teatro a sua formação acadêmica na graduação. Dentro da universidade de teatro é obrigatório para todos os finalistas desenvolverem um espetáculo, para que a banca avalie se estamos aptos para sermos profissionais do teatro ou não.

Então ao final do curso é dever dos estudantes formar grupos, trios, duplas ou solos para a realização da montagem cênica, durante esse período seguimos sendo orientados pelo professor orientador, que nos guia nas duas etapas do processo: interpretação, onde somos avaliados pela atuação, e direção, na qual somos avaliados por dirigir outras pessoas.

Para apresentação de montagem cênica, eu optei pela interpretação, queria estar em cena, atuando, então fiz a escolha de seguir com o processo “Marias” onde tinha iniciado em direção IV no sétimo período, então foi criado um grupo com quatro mulheres sendo elas: Roberta Lavor (Atriz), Clara Alves (atriz), Luana Passos (Atriz), Gabi Miranda (Direção) para a montagem cênica de interpretação, mas ao final da apresentação nós desfizemos o grupo e seguimos rumos diferente, por isso este relato será somente sobre o meu processo como atriz-pesquisadora do teatro para mulheres no durante o período de criação do espetáculo.

No teatro nós artistas precisamos buscar referências sobre aquilo que vamos levar para o público, a minha escolha desde o início foi especificamente voltada para mulheres, mas não somente falar por falar, eu queria denunciar, manifestar minhas inquietações com todas as violências que sofremos por sermos mulheres, manifestar nossas dores, injustiças através do teatro, meu desejo era que fosse empoderador, tanto para mim quanto para outras pessoas que fossem assistir a peça.

Com esse desejo comecei a pesquisar histórias de mulheres que eram violentadas, presas, estupradas, espancadas, mortas, injustiçadas, vítimas, mas sentia que era pouco,

queria mais proximidade, analisar de perto, então resolvi ir para as ruas, na busca de conhecer como viviam as mulheres em condição de rua do Amazonas, daqui de Manaus.

Registro 01- Defesa do tema de Montagem Cênica



Fonte: Roberta Lavor (2024)

## **Pesquisa de Campo**

O seguinte relato sobre o campo de pesquisa é sensível, pois durante o momento que estava com as mulheres foi-me relatado situações perversas sobre as condições que viviam, até mesmo crimes que lhes é cometido em seus corpos, digo isto com base nas entrevistas que foram realizadas no campo, com base em seus relatos de vida e sua vivências.

Nos dias que me fiz presente no campo encontrei diversas mulheres em situação de vulnerabilidade social, mulheres entre 12 a 66 anos de idade, com histórias e experiências diferentes e ao mesmo tempo muito comuns umas com as outras, todas foram violentadas, abusadas, espancadas, abandonadas, sexualizadas e exploradas , com base em todas as informações que obtive por parte delas, estarei a seguir trazendo trechos de suas falas para compor este trabalho.

Faz-se importante ressaltar que as conversas sempre aconteciam diretamente, e com a permissão delas era feito gravações de áudios, na qual foram transcritas e digitalizadas por mim, as falas são dolorosas, e vamos perceber que foram até mesmo atos de denúncias,

contra tudo aquilo que já vivenciaram nas ruas, e para segurança delas e dos entrevistadores envolvidos, os nomes que aqui serão mencionados são fictícios, com falas verídicas.

No início da entrevista com a entrevistada foi respondida a pergunta sobre o fator principal que levou a mesma a morar na rua:

[...] Eu num quis estudar, porque quando meu pai falou pra mim: "Vai estudar, não vai atrás de marido", eu quis saber de ir pra rua, me envolvi com droga, me envolvi em toda situação que eu pude imaginar, se eu tivesse ido não ia sofrer consequências, porque a mulher na rua sofre mais do que homem, a mulher na rua ela não têm um banheiro, quando fica em período menstrual pra ela andar na rua, é o que mais ela sofre, sendo que quando tu vai dormir na rua, tem o quê? Teus abusador, ou tu casa com um noiado que tem mais poder ou tu é estuprada por uma rapaziada [...]. (Janilse, ex moradora de rua, 42 anos)

A entrevistada acima foi uma das primeiras nas entrevistas, hoje em dia é ex-moradora de rua, mãe de 3 filhos, desempregada, sem auxílio ou ajuda da família, casada com um ex-morador de rua também, na qual atualmente moram em uma residência no bairro do Cidade Nova (Manaus), para ajudar na renda da casa eles vendem chocolates no sinais de trânsito, em algumas vezes trabalham por diárias também.

Para a pesquisadora Patrícia (2019) “Contextualizar o perfil das mulheres que vivem nas ruas é compreender que elas trazem consigo uma trajetória histórica de exclusão e desvalorização social e econômica que afetam diretamente suas vidas”. A história de Janilse é tocante, suas falas são diretas, todo seu relato durante a entrevista foi pautado em muita dor e luta que as mulheres vivem na rua constantemente.

Ao longo das experiências no campo passei a ir uma vez por semana, ao encontro delas, junto de outros pesquisadores/as: Samuel Vasconcelos (UEA), e a Antropóloga Olga Salarpi (Ca' Foscari Universidade de Veneza), assim dialogando e analisando como viviam essas pessoas durante o dia, não tivemos a oportunidade de ir a noite, pois era recomendado por elas que não fossemos, devido o grande perigo que nós poderíamos correr, segundo elas a noite “a rua vira selva e os homens bicho”, a próxima entrevistada relata a experiência de dormir a noite na rua, sem segurança e proteção de uma casa ou família.

[...] À noite eu não durmo, fico acordada, a gente nunca sabe quando vai amanhecer viva, ou quando vão matar a gente, a gente se protege aqui, e pra conseguir passar a noite acordada a gente usa, sabe?, a maioria aqui é usuário, pra poder conseguir sobreviver, eu só vou dormir às cinco horas da manhã, é quando é mais seguro pra uma mulher, se não, sabe Deus o que pode acontecer comigo [...]. (Mirian, Morada de rua, 38 anos)

Mirian é uma mulher preta (38 anos), mãe, grávida de 6 meses, moradora de rua (3 anos), vive em situação de vulnerabilidade desde nova, habitando nas redondezas da praça da matriz, trabalha com reciclagem para obter alguma quantia em dinheiro e sobreviver.

Reforço que essa pequena fala citada acima, é apenas um trecho da entrevista completa, existem muitas outras violências que são expostas por cada uma delas “[...] Elas, de forma geral, sempre foram invisíveis, sem ter voz e nem vez, marcada por um processo histórico de discriminação, violência e submissão [...] (Carvalho, Patrícia, 2019, p.02). Ter uma escuta ativa faz-se importante, pois é necessário que essas mulheres sejam ouvidas.

A violência contra mulheres em situação de rua é dilacerante, ao analisar percebemos o quanto a vida na rua é difícil, sem dignidade, a desigualdade social é vista na essência quando saímos do conforto de nossas casas e vamos até esses lugares, onde o sistema e as políticas públicas passam distante, pessoas são invisibilizadas, mortas de forma cruel, violentadas, adoecem, sentem frio, fome e sede, e poucos fazem algo para mudar ou ajudá-los. O relato a seguir é sensível e doloroso, de uma mulher forte na qual vive há mais de 30 anos em situação de rua.

[...] A sociedade esqueceu da gente né, porque uns vivem bem e outros não têm nada [...] Às vezes a gente não tem uma calcinha pra colocar um absorvente e vai pedindo das colegas, moradoras de rua [...] A vida da rua não é pra qualquer um não, tem violência demais, os policiais quando vê a gente querem bater, dá porrada, quando fiquei grávida eu perdi com policial dando bicuda<sup>10</sup> na minha barriga [...]. (Maria, moradora de rua, 42 anos)

A história de Maria não é apenas uma, podemos dizer que é um relato entre milhares de outros relatos de mulheres em vulnerabilidade, essa mulher entrevistada mora há 30 anos na rua, atualmente tem uma filha de 6 anos, na qual mora com outras pessoas, pois Maria não tinha condições de manter o básico para a filha e ela, então entregou para ser cuidada por um lar que tinha condições financeiras para lhe dar uma vida digna.

Segundo Maria tudo que ela mais almeja é “ter a filha por perto”, sendo seu bem mais precioso mas para isso precisa de condições melhores, um emprego, auxílio, de ajuda para alugar uma casa e cuidar de sua filha, entre muito choro, sentimos o amor que Maria exala, uma mulher sorridente, mesmo em meio a todas as violências, mulher que inspira e nos faz ter uma reflexão de nós mesmos, digo que esse campo foi transformador e único.

A partir desta experiência no campo de pesquisa, fomos para a sala de ensaio para partilharmos todas as informações que tivemos delas, com as outras mulheres do elenco, e com os homens da produção e de outras funções. Em todos os encontros sempre era

---

<sup>10</sup> Bicuda é o mesmo que chute, chute com as pontas dos pés.

compartilhado essas experiências, nossas percepções, nossos incômodos, e como agora iríamos usar o teatro para dar voz a essas histórias, e como iríamos empoderar todas as mulheres entrevistadas através do teatro, um processo que talvez, nunca tenha um fim, êxito, pois às violências são inúmeras que essas mulheres sofreram e sofrem.

### **Registros da pesquisa de campo:**

Na imagem abaixo da praça da matriz, optamos por registrar lugares onde não apareciam às mulheres e homens em condição de rua, para segurança de cada um/uma, mas essa é uma pequena parte da praça, onde naquele muro, próximo aos carros e as árvores na imagem, utilizam como uma espécie de banheiro (Registro 2)

Registro 02 - Praça da Matriz da avenida Floriano Peixoto



Fonte: Samuel Vasconcelos, 2024.

No registro 3, é uma árvore que fica bem no centro da praça, e abaixo dela eles utilizam como banheiro também, exala um forte cheiro de fezes e urina, as condições são precárias.

Registro 03 - Grande árvore da praça da matriz da avenida Floriano Peixoto



Fonte: Samuel Vasconcelos, 2024.

## **Segunda Etapa de Montagem Cênica**

Aqui trago a experiência da sala de ensaio, do processo de montagem e criação do espetáculo com relatos e registros das primeiras apresentações de Marias, (Ap1) que ocorreu em junho e a segunda (Ap2) em julho (2024), em interpretação, desde maio de 2024, estamos em processo de pesquisa, experimentações, laboratórios de encenação, e durante esse período como atriz fui em busca de histórias reais, de mulheres, queria levar para a cena às diversas violências que nós mulheres sofremos e que somente nós sabemos da dor e de como nos sentimos após um abuso, estupro, porradas, abandonos, rejeições.

Minha persona<sup>11</sup> se tornou uma mulher mais velha, meu desejo era que essa persona levasse um fardo pesado, simbolizando essas violências, então com base em histórias de muitas mulheres, fui construindo camadas para ela, a princípio ela é uma matriarca, ex presidiária, ex prostituta, moradora de rua, na qual carrega uma sacola de lixo grande de 200 L nas suas costas, cheio de coisas velhas e sujas, entretanto, existem lembranças nesse saco, restos de uma felicidade, saudades de uma mãe, de um filho morto, e de uma infância perdida, roubada.

No registros da montagem verão que existe uma mulher chamada Jacira, cabelos brancos, maquiada, roupas em cores neutras, terrosos, laranja, e a proposta a princípio era a construção dessa persona sendo uma mulher vaidosa, durona, que não tem medo de se expor,

---

<sup>11</sup> No teatro, a persona se refere ao papel que um ator desempenha. É a máscara que ele usa para representar um personagem específico, incluindo suas características, emoções e motivações. A persona é a construção que o ator cria para dar vida ao personagem na cena.

e falar toda sua história ao público, ela mostra suas dores e vulnerabilidade diante de todos, escancara sua realidade diretamente a todos presente na apresentação.

A primeira apresentação Jacira entra na cena com um saco, nas costas, na qual simbolizava a carga que todas as mulheres em situação de rua carregavam de suas violências, e também os segredos e sonhos que levam consigo , no registro (04 e 05) é possível notar que ela joga o saco no chão, como forma manifestação a todas as suas dores.

Registro 4 - Cena Revolta



Fonte: Ivana Andrade (2024)

A cena revolta é onde Jacira mostra suas maiores dores, ela não mede as palavras, joga tudo pra fora, toda mágoa e dor, sem medo dos julgamentos e dos olhares.

Registro 05 - Jacira



Fonte: Ivana Andrade (2024).

No final do espetáculo Jacira abre a sacola e revela suas dores e segredos mais profundos, fala sobre a morte de sua mãe, e a saudade do seu filho que foi morto por policiais ainda no seu ventre, para ela é uma das dores mais fortes que poderia sentir, é também onde se mostra vulnerável diante de toda uma sociedade.

Registro 06 - Cena final de Marias



Fonte: Ivana Andrade (2024)

Na segunda apresentação trouxemos mais elementos para compor “Marias”, novas cenas surgiram, e outros relatos foram acrescentados também no espetáculo, apresentando outras facetas de Jacira, que levava a persona para lugares mais sensíveis, um lado maternal, e de extrema loucura.

No registro (07) e cena café, Jacira se encontra no seu estado de grande loucura, onde vende café para o público, por um preço caro, porém, no final entendemos que não é café e sim seu filho, mas que também não é seu filho de verdade, pois não existe nenhuma criança, é apenas um carrinho velho de supermercado, na qual ela associa ao seu neném morto.

Registro 06 - Cena Café



Fonte: Carla Aloyá (2024).

As cenas do início ao fim são traçadas por devaneios de loucura e lucidez de Jacira, entre verdades e ficções, amor e ódio, sedução e estranheza, vida e morte, paz e violências, entretanto, no espetáculo o que mais aborda nitidamente são casos de violências, mas nas entrelinhas existem muitos outros fatores sociais e denúncias contra a sociedade.

Registro 08 - Cena Mãe



Fonte: Carla Aloyá (2024)

Com o registro (08) da cena Mãe, como atriz tentei relacionar a maternidade com a saudade da minha mãe, trago uma foto na mão, que está eu e ela, quando era pequena, e abordo a falta que ela me faz nos momentos que estou longe, e faço a ligação com a perda da mãe de Jacira, na escrita da dramaturgia interliguei história de persona e a minha história de vida fora do teatro.

### **Última etapa de montagem cênica**

Na última etapa da montagem cênica, fazemos as duas últimas apresentações, para entregar o espetáculo final, pronto, seguimos sendo avaliados nas duas provas de Ap1/Ap2, a primeira para feedbacks com Professor orientador e segunda na mostra interdisciplinar de teatro (MITO).

A terceira apresentação do espetáculo “Marias” aconteceu em outubro, com uma nova versão, agora definitivamente estava sozinha em cena, em um solo de 30 minutos e com até 4 cenas. Seguindo meu papel como Jacira e atriz.

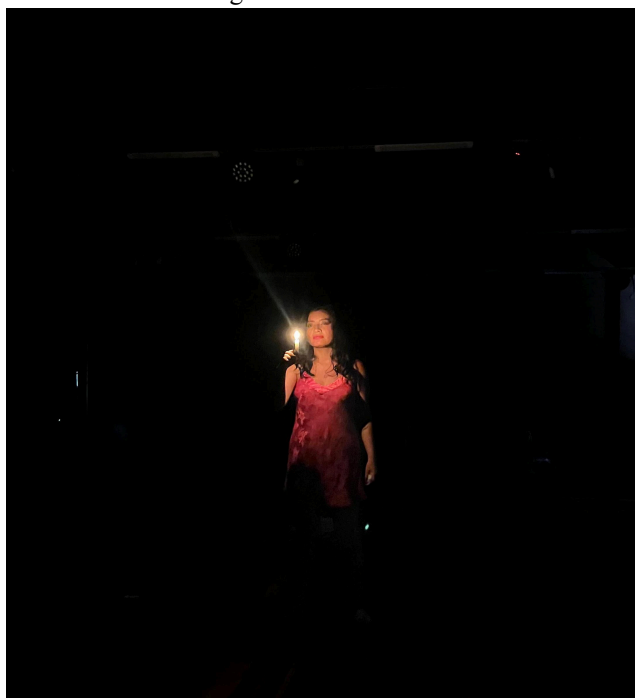
Durante o período de julho para outubro, fiz mudanças no elenco, produção e direção, joguei novas propostas para outros estudantes do curso de teatro (UEA), e seguir com um novo grupo, na produção temos: Samuel Vasconcelos, Olga Salarpi, como encenadora pedagoga e direção: Aimée Ramos, Sonoplastia e Iluminação: Samuel Vasconcelos, e com Dramaturgia, Figurino, e maquiagem sigo eu, com ajuda de todos do grupo.

Para a mediação do espetáculo no dia da última apresentação tenho um grupo de estudantes da turma de mediação cultural, que irão ter um papel fundamental para que esse

espetáculo ocorra, eles são: Vitória Silva, Danny Chris, Adriane Marjorie, Samuel Vasconcelos, Beto, Carla Aloyá, estão como apoio nos bastidores e recepção do público.

Com as novas propostas, elenco e mediadores, tínhamos uma nova versão também de “Marias”, agora não apenas uma mulher sofredora, mas também uma mulher empoderada, dona de si, vaidosa e repleta de loucuras.

Registro 09 - O Clamor



Fonte: Olga Salarpi (2024)

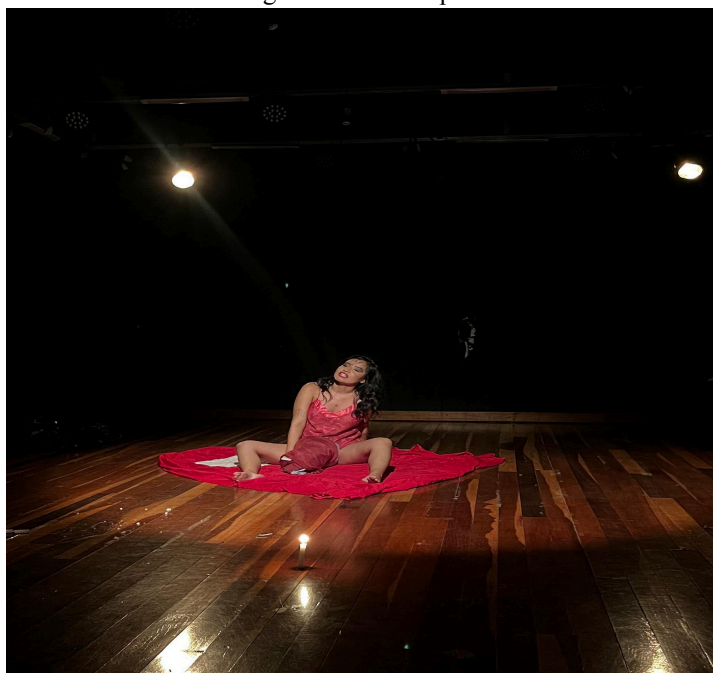
Ao longo desse período “Marias” passou por várias transformações e adaptações, agora mais objetivo, com partituras corporais e vocais melhor desenhadas, acentuado não somente às violências de Jacira, mas a sedução dessa mulher, explorando profundamente seus momentos de devaneios na cena.

Registro 10 - Cena cama



Fonte: Olga Salarpi (2024)

Registro 11 - Cena parto



Fonte: Olga Salarpi

Nos registros 10 e 11 acima, vemos a cena da cama e a cena do parto, elas são uma sequência que acontecem uma atrás da outra, a cena da cama relata momentos que Jacira teve com homens e outros de abusadores, até que o fato mais forte que ela aborda é o estupro de um homem na qual a engravidou, sem o seu consentimento.

Em seguida entra na sua loucura, é o primeiro momento do espetáculo que mostra ao público uma maternidade dolorosa que nunca aconteceu de fato, dando início a um parto, onde ela enfia um lençol vermelho em sua roupa e depois tira ele em um ato de violência.

Registro 12 - Cena final



Fonte: Samuel Vasconcelos (2024)

A cena final retrata Jacira em um momento de lucidez muito presente, depois de surtos e loucuras ela volta ao seu estado natural, e retorna para a cena contando que todas as cenas apresentadas não dela, e sim, de muitas mulheres que vivem na praça da matriz, que sofrem violências físicas e sexuais, e não denunciam, mulheres que foram e são invisibilizadas pelo sistema estrutural patriarcal.

## **Conclusão**

A desvalorização da mulher em situação de vulnerabilidade é um problema vivido por elas desde o início da humanidade, nascer mulher em uma sociedade desigual e de valores igualitários muito diferentes é um desafio, assim como utilizar o teatro como ferramenta de empoderamento se torna um desafio também, pois a pergunta que permeia todo esse artigo é: Como empoderar mulheres através do teatro?

Consequente a isto, retorno a ideia principal sobre a criação do espetáculo “Marias”, na qual fiz a análise do teatro como empoderamento, e digo que os resultados são positivos e

sensíveis, um lugar de afeto, que precisou ser bem trabalhado, tanto com as mulheres da Floriano Peixoto, quanto as do teatro.

Em todos às conversas compartilhadas, às visitas no campo de pesquisa, as entrevistas, analisando como viviam as pessoas em condição de rua, como se alimentavam, do que sobreviviam, como e onde dormiam, chego a conclusão que é de extrema urgência pensar em políticas públicas para essas mulheres, homens e crianças, é fundamental que haja um meio de ajuda para reintegração dessas pessoas dentro da sociedade e na família.

O teatro em si, foi um condutor de possibilidades e ajuda, uma forma que encontrei de fazer algo por elas, da maneira que percebi que conseguiria, mas afirmo que não é suficiente, eles e elas precisam de visibilidade, reconhecimento, ressocialização dentro de Manaus, dos seus lares. Para elas é instigante o teatro, mas sempre perguntam se existe a possibilidade do teatro lhe dar um lar, uma renda, o mínimo de conforto.

Assim concluo afirmando que o teatro é eficaz no empoderamento feminino, mas não leva a mudança que cada uma precisa, ele é um portal, entretanto, não compra uma casa, não abre portas de emprego, não reconstrói famílias, mas ajuda no sentido interno de transformação, fazendo com que tenham um olhar diferente sobre suas perspectivas de vida, a sociedade e o mundo.

## Referências

APARECIDA, Silva, Rosilene. **Mulher no teatro Brasileiro a partir das críticas de Bárbara Heliodora.** Existência e arte, n. 1, p. 8, 2005

CARVALHO, Patrícia. **Desigualdade, DE. Mulheres em Situação de Rua: Fatores que contribuem para esta vivência** palavra-chave: Mulheres em Situação de Rua. [s.l: s.n.]. Disponível em: [https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho\\_submissaoId\\_19\\_195c86cad9dc8be.pdf](https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_19_195c86cad9dc8be.pdf). Acesso em: 17 jun. 2024.

CHARLISE, Paula; NOLI, Bernardo.(ED.). **A Cultura patriarcal, Violência de gênero e a Conciência de Novos Direitos: Um olhar a partir do direito fraterno.** [s.l: s.n.].

CUNHA, E. **Um teatro da mulher.** [s.l: s.n.].

DA SILVA, A. DOS S. P. I. R. (ED.). **História de Vida e Feminismos na Amazônia: Um estudo de caso.** [s.l: s.n.].

FISHER, Stela Regina. **Mulheres, performance e ativismo: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana** / Stela Regina Fischer. -- São Paulo: S. R. Fischer, 2017. 282 p.: il.

JÚNIOR, Marreiro. **DAS. Das “polacas” e “francesinhas” às “regateiras” e “decantadas”.** Crítica ao imaginário e historiografia da prostituição da Manaus da Borracha. [s.d.].

KLEBA, Teresa. **Democracia de gênero: é possível um pacto entre as mulheres?.** O Social em Questão [en linea]. 2017, 20(38), 23-37[fecha de Consulta 27 de setembro de 2024]. ISSN: 1415-1804. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552256732012>

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado.** [s.l.] Grupo Pensamento, 2021.

LUCIANA, Lyra. **O livro do motim.** [s.l.] Paco e Littera, 2021.

MARTINS, K. **Afinal, o que querem as Mulheres Empoderadas?** instituto mana, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://www.institutomana.com/single-post/oquequeremasmulheresempoderadas>. Acesso em: 14 maio. 2024.

MATOS, Lara Tatiane de; Miranda, Brígida de. **Teatro feminista no Brasil: loucas de pedra lilás. Da Pesquisa, Florianópolis,** v. 3, n. 5, p. 1021–1034, 2019. DOI: 10.5965/18083129030520081021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15659>. Acesso em: 6 jun. 2024.

MIRANDA, Maria Brígida de. **Teatro feminista na pós-graduação** - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis(2004).

MIRANDA, Maria Brígida. **Teatros feministas na ilha das bruxas: Memórias e “Herstory” de práticas Teatrais Feministas em Florianópolis.** Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499730960\\_ARQUIVO\\_MAR\\_IABRIGIDADEMIRANDAFG11.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499730960_ARQUIVO_MAR_IABRIGIDADEMIRANDAFG11.pdf). Acesso em: 6 jun. 2024.

NARDE, Giongo, C., R. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2 jul. 2021.

OTTO, Isabela. Do lixo ao luxo: a figura da mulher no teatro e o empoderamento pela arte. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/do-lixo-ao-luxo-a-figura-da-mulher-no-teatro-e-o-empoderamento-pela-arte>.

RODRIGUES, Marina Müller Silva, Tatiana Cardoso da. **Teatro feminista: a voz dos silêncios.**

Anais,...27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-08, 2021. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current> em 30 de novembro de 2021.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. **De Quem É Esse Corpo?** – A Performatividade do Feminino no Teatro Contemporâneo São Paulo; L. R. V. Romano, 2009.

SANTOS, Júnior, p. m. dos. **pobreza e prostituição na belle époque manauara 1890-1917.** Revista de História Regional, [S. l.], v. 10, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2217>. Acesso 23 out. 2023.